

Editorial

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva

O guarda-chuva paradigmático da *bioarqueologia* estrutura-se como um todo aglutinador e agenciador, que propicia uma explosão líquida de temas e problemas de pesquisa surpreendentes sobre os corpos de nossos antepassados, reflexos identitários e seus modos-formas de viver. A pandemia recente da Covid-19 propiciou um triste intercâmbio entre o ser humano e outros patógenos, resultando em mudanças nas práticas funerárias em uma perspectiva global. Este segundo volume da Clio Série Arqueológica, já com 37 anos de existência, como número especial de *bioarqueologia* e Arqueologia Funerária, surge após esses anos pandêmicos. No período, foram recebidos vários artigos com temas de interesse, dos quais, somente uma parcela menor permaneceu para publicação. Inovações tecnológicas e as abordagens disciplinares diagonais em arqueologia têm propiciado interpretações significativas sobre eventos da vida cotidiana no passado, representadas pelas análises biofísicas, químicas e *biololeculares* dos vestígios arqueológicos. No entanto, a persistência de métodos e técnicas macroscópicos, focados em análises *morfométricas* e *morfoscópicas* qualitativas e quantitativas desses vestígios, associa-se não a falta da inovação tecnológica, mas a sua complementação cumulativa. As pesquisas arqueológicas podem incluir a aplicação de conhecimentos de áreas como a anatomia, osteologia, genética, biologia molecular, tanatologia (a *arqueotanatologia*), estudos das doenças, alimentação, práticas funerárias, envelhecimento, infância e formas de violência, com vistas a reconstituição de *osteobiografias* e *biohistórias* de gentes/pessoas/indivíduos ancestrais do passado pré-colonial ou relativamente recente, que afetam as vidas de povos atuais.

Na intersecção entre disciplinas agrupadas pela *bioarqueologia* social e a arqueologia funerária, este volume apresenta textos associados as pesquisas que necessitam explicar os processos que remodelam o corpo individual, coletivo, simbolizado e no contexto arqueológico, que favorecem ou não a recuperação das suas características *bioantropológicas*, socioculturais, psicológicas e/ou comportamentais diante dos fenômenos de vida e de morte. Novamente o fator *bio* na arqueologia parece se representar de maneira hegemônica, mas também pode ser entendido como uma forma de intercâmbio colaborativo entre a Arqueologia e a Biologia. Na Região Nordeste do Brasil, há inúmeros exemplos de casos arqueológicos que apresentam a diversidade de abordagens dos estudos das práticas funerárias, das doenças no âmbito das paleopatologias, das formas de apropriação, adaptação e simbolização do ambiente e suas expressões ósseas e dentárias em relação aos modos-formas de viver. O intercuro internacional da Arqueologia no meio

forense tem sido acelerado nas últimas décadas, também em decorrência das demandas das sociedades por seguridade, práticas humanitárias, Direitos Humanos e justiça, em conjunto com a retomada das pesquisas em Antropologia forense, vinculadas as da Medicina legal; e do frágil crescimento da Arqueologia forense no caso brasileiro.

O viés holístico da *bioarqueologia* parece fundado cada vez mais nas novas tecnologias de análises isotópicas, dietárias, palinológicas, da genética e da biologia molecular aplicadas à identificação de patógenos, da microestratigrafia e os usos da *imagiologia* e recursos de *tridimensionalização* em morfometria geométrica comparada de imagens digitais de vestígios e novos sistemas interconectados de mapeamento em campo e inteligência artificial, a paralela e a linguagem R e seus recursos em inovação científica e tecnológica associadas a conjuntos de dados em várias áreas do conhecimento. Ossos, corpos e doenças dizem mais sobre o viver do que sobre a morte em si mesma no passado. Os recursos das ciências sociais, da psicologia e filosofia, ampliam e rompem as noções de binariedade em relação aos sexos e aos gêneros, não mais citados ou concebidos exclusivamente como sinônimos na literatura *bioantropológica*. As arqueologias transversais, colaborativas, simétricas, quer, questionam a existência estática-monolítica do sujeito e do seu objeto de estudo, reconfigurando-os em uma amálgama líquida, de mão dupla, característica do nosso momento presente. Interessa o corpo que produz conhecimento arqueológico e como está inserido na sua historicidade quanto aos conceitos, termos, constructos e forma de pensamento e mentalidades para entender nosso passado a partir de vestígios materiais.

Os estudos arqueológicos dos corpos dos nossos antepassados e correlatos nos possibilita conhecer suas morfologias enquanto patrimônios materiais da existência humana. Relembrando uma tríade componencial das estruturas de natureza simbólica-funerária, o corpo, a cova e os acompanhamentos funerários, esta auxilia na interpretação das práticas funerárias, como das práticas de subsistência, sexuais, punitivas, identitárias, das formas da agressividade e violência, da própria territorialidade das sociedades, suas ancestralidades biogeográficas mais prováveis, suas cadeias operatórias de produção, reprodução e descarte da cultura material. Rever uma amostra do conhecimento arqueológico fixado em seus vários momentos de concepção, produção e interpretação conclusiva em relação aos temas da *bioarqueologia* social incluindo aqui as arqueologias funerárias e as linhagens forenses, mas não totalmente. Assim, a arqueologia da morte pode ser um exercício de autorreflexão.

Este número especial da *Clio Arqueológica*, *bioarqueologia* e Arqueologia funerária, apresenta exemplos de interação moderada entre as ciências forenses, a arqueologia, a história, antropologia, medicina e as ciências exatas e biológicas, propondo uma reunião

de textos resultantes de pesquisas básicas, essencialmente, desenvolvidas pouco antes ou durante a pandemia da Covid-19.

A *Clio Arqueológica*, com uma missão multidisciplinar neste número especial, expõe casos de resultados parciais de pesquisa que discutem temas e problemas pertinentes a produção do conhecimento científico no Nordeste do Brasil e em outras regiões no mundo, refletindo alguns traços das competências e habilidades profissionais em Arqueologia. Interessa, neste número, um conjunto de textos que tratam de aspectos metodológicos-técnicos ou tácitos e críticos da *osteoarqueologia* e da arqueologia funerária, vinculados aos estudos das cremações e do envelhecimento humano de modo mais abrangente; algumas perspectivas internacionais dirigidas em arqueologia forense e antropologia forense, trazendo os temas dos alcances da prospecção de covas coletivas e da identificação de corpos e remanescentes humanos com tatuagens; estudos de casos sobre práticas funerárias e relatórios de escavação e de laboratório sobre sítios da Região Nordeste do Brasil; casos relativos ao estudo de contextos arqueológicos coloniais com presença de remanescentes de pessoas escravizadas, de movimentos diaspóricos provindos da África ou de áreas cemiteriais *extra-muros* do Recife colonial, com remanescentes de europeus, anteriores a 1680, no sítio Pilar; casos de estudo com foco em aspectos da Arqueologia do corpo e da sexualidade, que consideram os remanescentes humanos junto com seus objetos de cultura material associados.

Todos os números da Revista *Clio Arqueológica*, desde o primeiro, de 1984, estão disponíveis também on-line: www.ufpe.br/clioarq.

Recife, 22 de maio de 2022

C L i O
ARQUEOLÓGICA

VOLUME 37, NÚMERO I, 2022

BIOARQUEOLOGIA E ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA
NÚMERO TEMÁTICO

Capa:
Andreas Vesalius
Die Neuwen Inseln, 1555.

Formatação e Diagramação:
Paulo Martin Souto Maior

ARTIGOS

DADOS BIOCULTURAIS INFEREM PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DE AFRO-BRASILEIROS NO NORDESTE DO BRASIL

1

Luzia Maria de Sousa Carvalho

Olívia Alexandre de Carvalho

OS REMANESCENTES HUMANOS DAS URNAS FUNERÁRIAS TUPI-GUARANI NO SÍTIO BAIXIO DOS LOPES, BREJO SANTO – CE (720 ± 30 AP)

45

Ana Solari

Anne-Marie Pessis

Daniela Cisneiros

Elisabeth Medeiros

Gabriela Martins

LA PROSPECCIÓN ARQUEOLÓGICA EN LA LOCALIZACIÓN DE FOSAS COMUNES

70

Clara Serna Alberola

INTRODUCCIÓN A LA PROBLEMÁTICA DE LA DETERMINACIÓN DE LA IDENTIDAD DE CADÁVERES Y RESTOS HUMANOS NON NOTUS A PARTIR DE MARCAS ESPECÍFICAS

Los Tatuajes como Elemento de Identificación en la Investigación Forense y la Medicina Legal

111

Judyta Bąk

Angela Lucía Rojas Bergna

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO SÍTIO DO PILAR, BAIRRO DO RECIFE

136

Ilca Pacheco da Costa Moura

Viviane Maria Cavalcanti de Castro

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva

IV

POR UMA ARQUEOLOGIA DOS ENVELHECIDOS

Aspectos Teóricos do Envelhecimento Humano

168

Raquel Roldan Mastrorosa

PAISAGEM, CLIMA E SUBSISTÊNCIA NO SUDESTE DO PIAUÍ

Estudos Arqueopalinológicos no Sítio Toca da Baixa dos Caboclos

211

Aline Gonçalves de Freitas

Yannara Brennda da Silva Leôncio

Luzia Maria de Sousa Carvalho

Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento

Sérgio Augusto de Miranda Chaves

**ESTUDOS DE CURADORIA E CONSERVAÇÃO CURATIVA DE
OSSOS HUMANOS DE PERNAMBUCO E DO RIO GRANDE DO
NORTE, BRASIL**

284

V

Celyne Rodrigues Brito dos Santos Davoglio

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva